

Notas de Pesquisa

Patrimônio, memória e história: as “marcas” da trajetória imigrante nos países do Cone Sul – um estudo comparado

Patrimony, memory and history: the “marks” of the immigrants’ path in the Southern Cone countries - a comparative study

Eloísa Helena Capovilla da Luz Ramos¹

eloisa@unisinos.br

Temática

Estas notas apresentam algumas reflexões e os primeiros resultados obtidos com o projeto de pesquisa em tela. O projeto tem como foco a construção da memória imigrante a partir de objetos expostos em alguns museus dedicados à imigração e busca responder à seguinte pergunta – como os museus construíram a memória dos imigrantes a partir dos diferentes objetos deixados/doados por estes mesmos imigrantes nestas casas de memória? Ao mesmo tempo, a pesquisa busca desvendar a relação do Estado com as etnias que nele se fizeram presentes, verificando como se dá a sua inserção nas comemorações dos grupos imigrantes em seus cinquentenários, centenários ou noutras datas significativas. O espaço recortado para a pesquisa é o Cone Sul.

Conceitos estruturantes

Para responder a pergunta formulada, destacamos inicialmente os conceitos de *emigração/imigração*. Trabalhamos com a idéia da emigração/imigração tomando em conta aquela empreendida pelos europeus para o Brasil e para os países do Cone Sul nos séculos XVIII, XIX e até no início do séc. XX. Nessa perspectiva, verificamos que no Sul do Brasil a imigração teve como objetivo a colonização. A imigração para São Paulo não pode ser trabalhada da mesma forma, pois ali ela está

¹ Professora do Curso de História e do Programa de Pós-Graduação em História da UNISINOS.

voltada principalmente para a lavoura do café, sendo o imigrante a mão-de-obra, o trabalhador dessas lavouras. Para os países do Cone Sul, a imigração também teve conotações locais diferenciadas.

O verbete “emigrar”, segundo o *Moderno dicionário da língua portuguesa*, é uma palavra de origem latina que quer dizer “deixar um país, geralmente o de origem, para ir estabelecer-se em outro” (Michaelis, 1998, p. 783). Já “imigrar” é palavra cujo significado está ligado ao ato de “entrar num país estrangeiro, para nele viver” (Michaelis, 1998, p. 1.129). Emigrar, nessa perspectiva é cortar laços, é cortar o cordão umbilical. É deixar para trás um tipo de vida e tudo que ela envolve. Ser imigrante, por seu turno, envolve o desconhecido, o novo. Pressupõe o *vou ocupar um lugar que ainda não sei qual é, num país onde nunca estive e sobre o qual tenho muitas expectativas*. Viver num novo país, ser estrangeiro traz consigo uma carga diferente e diferenciada para o imigrante, pois o obriga a pensar-se como o outro, a ter que se adaptar/readaptar.

Tomada na perspectiva de Sayad, a imigração “é, em primeiro lugar, um deslocamento de pessoas no espaço [...] físico” (1998, p. 15), o que nos leva à conclusão de que ser imigrante é, fundamentalmente, ser de outro lugar. É ser percebido como um estrangeiro no país de adoção e nessa condição, *viver provisoriamente* nesse país. Como apontou o mesmo autor, “o imigrante só existe na sociedade que assim o denomina a partir do momento em que atravessa suas fronteiras e pisa seu território; o imigrante ‘nasce’ nesse dia para a sociedade que assim o designa” (Sayad, 1998, p. 16). Um imigrante, para Sayad é, então, alguém que deixou sua terra natal para buscar trabalho noutro país e lá, marcado como estrangeiro, viverá provisoriamente, com a esperança de voltar [embora na maioria das vezes saiba que não voltará]. Nesse sentido, a imigração é uma experiência que nos parece nostálgica. Poutignat e Streiff-Fenart citando Lopreato mostram que os emigrantes no século XIX “não deixaram a Itália”, por exemplo, “como italianos, mas como genoveses, venezianos, sicilianos e que só descobrem quem são depois de sua chegada à América” (1998, p. 134). O mesmo aconteceu com outros grupos que se dirigiram para esse Continente. Nesse caso, todos tiveram uma identidade atribuída porque foram nominados aqui como alemães, italianos ou poloneses, num processo característico de homogeneização cultural.

Justifica-se, então, dizermos que, quando empreende o movimento de emigração, o emigrante faz mais do que um deslocamento físico. Ele traz consigo bagagens, objetos e pertences cujo valor é muitas vezes simbólico. Mas o imigrante não carrega uma bagagem simbólica e outra concreta, real. Junto com seus pertences, ele traz consigo as lembranças da terra que deixou além das imagens [da terra

natal], que vieram retidas na memória. Tais objetos e lembranças passam aqui a ter um outro valor: o de memória dos antepassados. Passam a ser relíquias da família, tornando-se portadores de uma história e atestados vivos das origens do grupo, o que nos permite dizer que o espaço dos deslocamentos não foi somente físico. Ele foi também social, político, econômico e cultural.

É nesse recorte que a *memória* ocupa um lugar significativo. Vista como fonte de experiência ou como suporte da identidade individual [ou coletiva], a memória está relacionada com a História desses imigrantes. Como diz Catroga, “a memória só poderá desempenhar a sua função social através de liturgias próprias” (2001, p. 48), calcadas nas lembranças provocadas por vestígios do passado. Por isso,

o seu conteúdo é inseparável dos seus campos de objetivação e de transmissão – linguagem, imagens, relíquias, lugares, escrita, monumentos – e dos ritos que o reproduzem. O que mostra que, nos indivíduos, não haverá memória coletiva sem suportes de memória ritualisticamente compartilhados (Catroga, 2001, p. 48).

Ou seja, sem traços. As lembranças comuns e as repetições rituais, como as festas familiares, aliadas à conservação de saberes e de símbolos do grupo serão fatores fundamentais para a construção de um sentimento de pertença e para a construção de uma identidade.

Em se tratando de verificar a presença dos imigrantes na construção de uma identidade nacional nos países do Cone Sul, verificamos que, “como instância solidificadora de identidades, compreende-se que a expressão coletiva da memória [...] não escape à instrumentalização dos poderes através da seleção do que se recorda e do que consciente ou inconscientemente se silencia” (Catroga, 2001, p. 59).

Neste recorte é que se inserem os *museus* e os *monumentos*. Eles são lugares de guardar a memória e, ao mesmo tempo, de re(a)presentação dessa mesma memória para o público.

O cenário da imigração/emigração e a experiência vivenciada por distintos grupos nos séculos XVIII, XIX e XX deram ao Brasil (em especial às regiões Sul e Sudeste) e aos países do Cone Sul, como áreas receptoras de imigrantes, características próprias e uma cultura marcada por lembranças dos países de origem e por outros traços significativos que o grupo construiu nos países receptores. São esses traços que aparecem nos fragmentos existentes ou exibidos nos museus de imigração.

Segundo Moreno, “museu é uma instituição que coleciona, documenta, preserva, exhibe e interpreta evi-

dência material [ou imaterial] e informação associada, para o benefício público” (Moreno, 1996, p. 72). Um museu, em seu fazer cotidiano, organiza acervos de diferentes origens, desenvolve estudos e pesquisas sobre os mesmos e depois os expõe, usando para isso expografia apropriada. Os museus são, ao mesmo tempo, lugares de memória e espaços de (re)elaboração e re(a)apresentação dessa memória e devem expressar diferentes aspectos da sociedade em que estão inseridos, relacionando os objetos expostos com o que foi produzido ou guardado por tal sociedade e, ao mesmo tempo, fazendo uma interpretação desta mesma sociedade. Os *museus*, nesta pesquisa, serão, então, tomados como um dos lugares em que a cultura material/imaterial oriunda da emigração/imigração vai ser elaborada, interpretada e comunicada ao público.

Resultados parciais

A primeira etapa do trabalho desenvolvido na pesquisa centrou-se no levantamento dos museus localizados no Rio Grande do Sul que se dedicam à imigração. São inúmeros os museus dedicados às diferentes etnias no Sul do Brasil, e, pela abrangência da pesquisa, não pudemos trabalhar com todos estes espaços museológicos. Selecionamos, para efeitos desta pesquisa, informações em museus localizados nos municípios de Porto Alegre, São Leopoldo, Caxias do Sul e Ijuí. As *marcas* dos imigrantes levantadas nestes espaços nos permitiram realizar outras leituras da imigração no Rio Grande do Sul.

Constatamos, a partir desses museus, que os imigrantes têm sido mostrados em primeiro lugar como trabalhadores. Esta é uma palavra-chave inscrita através dos instrumentos que encontramos nas exposições permanentes. O trabalho, para todas as etnias, é, nos espaços museológicos, uma afirmação e um discurso construído tanto pelo lado masculino quanto pelo lado feminino. Estão presentes nos museus variados instrumentos de trabalho masculino que se referem à lavoura, como foices, enxadas, serras, machados, além de cestos e outros objetos. Entre os instrumentos de trabalho feminino, destacamos os próprios para cardar a lã, o tear manual, a máquina de costura, a máquina para produzir manteiga, as louças e utensílios domésticos, além da mesa posta e do fogão. Tal discurso do/sobre o trabalho feminino nos pareceu importante [mais que o masculino], pois geralmente a história da mulher imigrante é pouco visível nos estudos sobre a imigração, e, nos museus, embora não esteja presente nos textos da vida cotidiana, a mulher está lá, e seu trabalho está iluminado, está visível. O modo de vida representado por esses objetos destaca, assim, um papel para a mulher que outros documentos

nem sempre ressaltam. Estão presentes ainda, nestas exposições, objetos que atestam certa riqueza das famílias imigrantes, representados pelo piano, pelo espelho, pela máquina de costura, louças de porcelana inglesa ou alemã, jóias e talheres de prata, entre outros sinais de boa condição financeira. Esta é uma construção discursiva de duplo sentido, pois os mais pobres aparentemente não estão representados nos museus, já que não possuíam nada que fosse digno de ser deixado nesses espaços. Hoje, o entendimento do que se deve preservar/descartar nos museus é bem diferente.

Ao lado destes sinais indicativos, encontramos um outro discurso que caracteriza o imigrante musealizado: o ser religioso e, ao mesmo tempo, amante das festas e da vida social. Os inúmeros espaços de sociabilidade que os imigrantes construíram são devidamente registrados nesses museus através de fragmentos de bandeiras, convites, fotografias ou de antigas tabuletas de tiro ao alvo, usadas em eventos onde se escolhia o *rei do tiro*. Ao mesmo tempo estão lá expostos, também, o órgão, o púlpito e a Bíblia. Podemos dizer que, nos museus pesquisados, não passa despercebida a contribuição dos imigrantes para o desenvolvimento e o progresso das regiões onde estão inseridos.

Tomando em conta as conclusões parciais deste estudo, podemos dizer que numa exposição sempre estará implícito um discurso. Ela será portadora do discurso da equipe que a elaborou. Independentemente do grupo organizador, uma exposição é sempre um conceito distendido em forma expositiva. Verificamos, portanto, no espaço do museu, que a cultura material/imaterial elaborada e exposta pela equipe museológica vai levar ao estabelecimento de uma comunicação entre o público e a exposição, o que poderá resultar em uma ou muitas interpretações da mesma, já que o público como o sujeito principal da recepção trará seu cabedal de conhecimentos e não precisará manter fidelidade ao conceito da exposição que visita.

Quanto aos monumentos à imigração no Rio Grande do Sul, também objeto de nosso interesse e estudo destacamos o papel do Estado na construção de alguns, assim como das municipalidades e dos próprios grupos étnicos, que também se encarregam de construí-los.

Referências

- CATROGA, F. 2001. Memória e história. In: S. PESAVENTO (org.), *Fronteiras do milênio*, Porto Alegre, Editora da Universidade/UFRGS, p. 43-69.
- MICHAELIS. 1998. *Moderno dicionário da língua portuguesa*. São Paulo, Melhoramentos, 2.259 p.
- MORENO, L.G.M. 1996. Qué es un museo? Cuicuilco: Nueva Museologia Mexicana (primera parte). *Revista de la Escuela Nacional de Antropología e Historia*, 37:59-104.

- POUTIGNAT, P. e STREIFF-FENART, J. 1998. *Teorias da etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth*. São Paulo, Fundação Editora da UNESP, 250 p.
- SAYAD, A. 1998. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 299 p.

Submetido em: 02/10/2007

Aceito em: 08/10/2007